

A ALTERNÂNCIA DO TEMPO VERBAL EM NARRATIVAS ORAIS EM PORTUGUÊS (L1) E EM INGLÊS (L2)

Desirée Motta Roth
UFSM

1. Introdução

Analisando os programas escolares de inglês de 1º e 2º graus, bem como aqueles adotados em cursos de Letras, constatou-se que boa parte da instrução formal era dedicada ao ensino dos tempos verbais. Buscando aproximar a pesquisa científica da prática em sala de aula e tendo em mente que, cada vez mais, o enfoque comunicativo tem sido trazido para o centro das discussões sobre o ensino de língua estrangeira, objetivou-se analisar de que maneira um traço discursivo como a alternância temporal é usado em inglês como língua estrangeira. Uma vez que o papel da L1 tem se mostrado um assunto bastante controverso entre os pesquisadores na área de aquisição da segunda língua, buscou-se determinar em que medida os padrões de alternância temporal em narrativas em português se assemelham aos do inglês e como isso parece influenciar a produção dos sujeitos em L2.

Em inglês, é muito comum se usar o Presente Histórico – que é o Presente do Indicativo com referência de passado – alternadamente com o Pretérito para dar destaque e vida a uma história que está sendo narrada, conforme se vê, no exemplo que se segue, onde as formas verbais no Presente Histórico (PH) estão sublinhadas:

(1) I was at a club not too long ago with my wife and Don Rickles was appearing. Went to see him and I'm sitting there havind a wondefful time and ah, I was wearing a sport jacket king of like that - not that wild but something like that - something he would notice. And ah, he's doing his show and I see him look at me and he does this (gesture) and he starts on me. Really pickin' on me, and he's givin' it to me... (Wolfson, 1976a, p. 4).

Diferentes autores que investigam essa alternância, também chamada de Presente Histórico Conversacional ou PHC (Wolfson 1976a, 1976b, 1978,

1979, 1982) em inglês, consideram-no como um recurso discursivo que além de emprestar dramaticidade à história, secciona seus eventos centrais, resalta para o interlocutor quais as passagens mais importantes - i.e. às quais ele deve ficar atento - e oferece ao ouvinte uma avaliação dos eventos narrados sob o ponto de vista do narrador (Schiffrin 1981).

A rigor, narrativas produzidas totalmente no Pretérito não podem ser consideradas erradas em inglês. No entanto, o uso do PHC demonstra uma competência discursiva do narrador em transformar experiências pessoais em objeto narrável.

Partindo desses pontos, surgiu a idéia de se investigar como falantes nativos de português usam a alternância dos tempos verbais em narrativas em inglês, tentando-se detectar em que medida, aprendizes de nível avançado, considerados competentes quanto à gramática ou ao léxico, também podem ser considerados competentes em um nível mais elaborado como o discursivo.

Procurou-se determinar, assim, até que ponto os padrões de alternância temporal dos verbos em narrativas orais são similares entre português e entre inglês como primeira e segunda línguas.

2. Metodologia

a. **Sujeitos e coleta de dados:** Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do último semestre de inglês (20 ao todo) do curso de Letras da UFRGS e a coleta de dados deu-se entre os meses de agosto e dezembro de 1989, através de duas entrevistas com cada sujeito.

A primeira entrevista tinha um roteiro flexível de tópicos de narrativa a serem propostos aos entrevistados na forma de perguntas, como por exemplo:

- Já estiveste em uma situação em que pensaste que ias morrer, que corrias perigo de vida?

- Já foste assaltada ou viste alguém ser?

- Como é que foi a primeira vez que saíste com um cara/uma menina?

Perguntas desse tipo são feitas (ver Labov, 1972) para tentar obter um registro de linguagem que se aproxime o máximo possível do informal, onde o PH é consistentemente mais empregado.

A segunda entrevista propunha uma reflexão metalingüística de cada sujeito sobre suas próprias narrativas, visando descobrir se formas verbais do PH, ambíguas e não-flexíveis seriam tentativas intencionais de produzir tal alternância temporal conforme a estratégia discursiva do PHC ou apenas acidentalmente produzidas, conforme se vê na narrativa (2), abaixo. Neste

exemplo, as formas PH estão sublinhadas e as não-flexionadas, marcadas por (*):

(2) I was in the house of a friend of mine ... a girl and she has a ... there's a lot of friends and there's some guys I didn't know. And he comes and we start* talking and suddenly he kissed me. And I was: "Oh, Jesus Christ!" It was a very...your first kiss, you know, is something very exciting, I get nervous...I got nervous, and things like that. But it was my first meeting with a guy... a date. < SFEu estava na casa de uma amiga minha...uma menina e ela tem um...tem um monte de amigos e tem uns caras que eu não conhecia. E ele vem e a gente começa a conversar e, de repente, ele me beijou. E eu fiquei: # < Ai, Jesus Cristo! Foi muito... teu primeiro beijo, sabe, é algo muito excitante, eu fico nervosa...eu fiquei nervosa, e essas coisas. Mas foi o meu primeiro encontro com um cara...uma paquera. >

Com base na avaliação obtida nas reflexões metalingüísticas dos sujeitos, pode-se determinar qual o tempo verbal subjacente de formas verbais sem marcação explícita de Pretérito(P) ou de PH como o verbo start* do exemplo acima.

Correções de expressão, ou seja, a produção de falsos incícios (false starts) logo interrompidos, dando lugar a uma reformulação do enunciado, são desconsideradas, como por exemplo, "I get nervous... I got nervous" em (2). Apenas o último enunciado é considerado para efeito de análise.

b. **Análise dos dados:** Após a transcrição das 136 narrativas obtidas sobre experiências pessoais dos sujeitos, 40 foram divididas como melhores representantes de discurso narrativo, metade delas em português e metade em inglês. Para proceder à escolha, examinaram-se todos os depoimentos coletados, determinando quais orações pertenciam à linha central da história e quais forneciam informações adicionais. Adotou-se, para tanto, o modelo de análise da narrativa proposto por Labov e Waletzky (1967) que prevê seis seções, cada uma com uma função diferente dentro da narrativa: Resumo, Orientação, Complicação, Avaliação, Resolução e Coda. Cada seção compreende uma ou mais orações que expressam um tipo de informação dentro da história, conforme se vê na narrativa (3), a seguir:

- (3) **ORIENTAÇÃO** a E uma vez foi um carro que eu 'tava.
COMPLICAÇÃO b Eu parei num... numa sinalceira, quer dizer,
ORIENTAÇÃO c tinha uma porção de carros atrás, num congestionamento.
d Daí eu fui uma das últimas a parar.
COMPLICAÇÃO e Daí eu olhei pelo espelho
f e vinha vindo uma caçamba
AVALIAÇÃO g e o cara... eu não sei se 'tava distraído, alguma coisa,
h eu vi ele correndo
RESOLUÇÃO i e quando ele viu que ia bater, ele saiu pro lado
j e foi parar acho que uns 50, 100m na frente pela pista do outro lado.
ORIENTAÇÃO k Era uma rua com pista dupla, né.
AVAL/CODA l Então, quer dizer que, daquela vez, se eu tivesse batido, não tinha sobrado nada.
m Tinha virado sanduíche, né, porque ele conseguiu parar a jamanta bem adiante, na contra-mão, né que ele saiu pelo lado assim.
n Então foi a vez que deu tremedeira.

O resumo se constitui de uma ou duas orações, que sintetizam, no início da narrativa, toda a história que se seguirá e que será detalhada adiante. A orientação serve para estabelecer, para o ouvinte, o momento, o lugar, as pessoas envolvidas na história. A complicação é a narrativa propriamente dita, envolvendo orações que representam eventos temporalmente ordenados até o ponto climático da narrativa. Nesse ponto, a avaliação intersecciona-se com a complicação, compreendendo os procedimentos que o narrador emprega para indicar o propósito da história, o porquê de contá-la. A resolução, que é separada da complicação pela seção de avaliação, apresenta o desenlace dos acontecimentos. A coda assinala o fim da narrativa, com o narrador se deslocando do passado, abandonando a perspectiva temporal dos eventos narrados e voltando ao momento presente, no qual está produzindo o discurso narrativo.

As seções de complicação, avaliação e resolução são aquelas essenciais às narrativas. É na complicação e na resolução - ou seja, na linha central da história - que se encontram as orações narrativas propriamente ditas: orações que correspondem aos eventos da história na mesma ordem em que ocorreram de fato.

Estudos feitos com falantes de inglês (bem como de outras línguas como espanhol, francês, samaná) constataram que, do total de orações empregadas em narrativas, 30% têm o verbo no PH e que essas formas verbais se concentram nas orações narrativas.

Para se fazer uma análise comparativa, quantificaram-se as ocorrências dos tempos verbais em cada seção das narrativas produzidas pelos sujeitos em L1 e L2.

3 - Resultados e discussão

Os resultados obtidos para o português não apontam a existência de uma alternância temporal como a constatada em inglês. Conforme já havia sido sugerido por Castro (1980), o tempo mais empregado em narrativas em português é o P (84%) em todas as seções narrativas. O PH, por sua vez, não alcançou 2% das orações narrativas. O Pr foi usado em 15% das orações, geralmente nas seções onde o narrador avalia a narrativa e orienta o ouvinte sobre as personagens, o cenário, etc., da história.

Com base nos dados das narrativas e das avaliações metalingüísticas, conclui-se que o PHC não ocorre em português com a mesma frequência com que é usado no inglês. Todavia, apesar de quase ausente dos dados do 'corpus', a intuição dos falantes interpreta o PH como tempo verbal bastante empregado pelo narrador para dramatizar e dar vida aos fatos. Questiona-se por que então o PH não aparece mais enfaticamente nas narrativas. Sugere-se que, embora comum em português, o PH não é de fato tão frequente quanto em inglês, onde alcança cerca de 1/3 das orações em situação experimental. Se a frequência de uso do PH fosse a mesma nas duas línguas, as percentagens em L1 e L2 se aproximariam.

Um segundo ponto a observar seria o papel do ensino formal que valoriza a regra da língua escrita como preferível à regra da língua oral. Como o PHC é um traço fortemente marcado de oralidade, os falantes intuem que ele é menos correto do que o P - segundo demonstraram as reflexões metalingüísticas.

Ora, se os falantes têm preconceitos quanto ao uso de formas verbais no PH, então esses mesmos falantes, sendo alunos de Letras, estariam muito mais conscientes em relação às regras da língua quando sabem que seu discurso está sendo observado por um lingüista, não importando quão informal a entrevista pretenda ou consiga ser.

Essa visão do uso do PH na língua nativa poderia influir na produção em inglês, se o falante não conhecer as regras discursivas de língua-alvo, que, no caso da narrativa oral, envolve o uso do PH intercaladamente com o P. Na verdade, essa interferência parece ocorrer.

Analisando os resultados finais, é possível constatar que, tanto em português quanto em inglês, os tempos verbais e as seções onde eles ocorrem tiveram um padrão que privilegia o uso do P, estando o PH quase ausente. A tabela 1, abaixo, mostra esses resultados em percentagens:

TABELA 1 - Distribuição das freqüências dos tempos verbais em cada seção em L1 e L2

Tempo verbais em cada língua	Resumo	Orient.	Complic.	Avalia.	Resol.	Coda	Total	
P	L1	54	79,3	97,35	76,09	94,74	75,76	84,37
	L2	100	72,73	91,3	73,53	91,43	69,56	82,94
Pr	L1	46	20,7	0,88	23,91	5,26	24,24	15,09
	L2	-	20,45	2,61	25	-	26,09	11,94
PH	L1	-	-	1,77	-	-	-	0,54
	L2	-	6,82	6,09	1,47	8,57	4,35	5,12
Total		100	100	100	100	100	100	100

Os padrões de emprego dos tempos verbais produzidos em L2 estão consistentemente diferentes daqueles produzidos por falantes nativos de inglês. Isso se traduz em um uso quase que uniforme de P, alguma ocorrência de Pr especialmente nas seções de avaliação e coda, e muito pouco de PH nas seções de complicação, resolução e orientação.

Deve-se observar, no entanto, que, apesar de fraca, a freqüência do PH em L2 foi significativamente maior ($p < 0,05$) do que em L1. Isso talvez possa ser creditado ao discurso de alguns poucos informantes que produziram formas verbais no PH de modo consistente. Além disso, como em português o PH foi quase inexistente, as poucas formas em inglês contribuem para que essa diferença entre as duas línguas se acentue. Quanto ao P e ao Pr, eles foram empregados sem diferenças significativas entre as duas línguas.

Os sujeitos do estudo parecem ter usado os tempos verbais, utilizando as mesmas estratégias da língua nativa na produção da língua estrangeira. Isso poderia ser visto como resultado de interferência lingüística das estratégias discursivas usadas na língua nativa sobre a produção narrativa na língua estrangeira. Também se poderia argumentar que essa interferência ocorre muito mais por ignorância dos sujeitos quanto a essas regras de uso do PHC na língua-alvo do que propriamente semelhanças entre uma e outra línguas nesses aspectos do ato de narrar.

Além disso, podemos reduplicar a questão do preconceito em português para a situação do ensino de inglês como língua estrangeira. Alguns

autores comentam o papel do ensino formal na aquisição dos padrões de alternância temporal em narrativas em inglês como L2 (ver, por exemplo Hatch 1983, Kaufman 1987). Evelyn Hatch (1983) aponta claramente a reação dos professores ao uso do PH em sala de aula. Segundo a pesquisadora, os professores geralmente alertam seus alunos contra esse emprego do presente, todavia, ele é muito comum na língua oral utilizada no dia-a-dia.

Uma vez que entendemos que o ensino da língua estrangeira deve ter uma abordagem que vise desenvolver no aprendiz condições que lhe possibilitem se comunicar, então devemos ter em mente que estratégias discursivas deste tipo deveriam ser expostas aos alunos. Assim, eles estariam em contato com os usos que falantes nativos fazem da língua em situações corriqueiras da vida real.

4 - Conclusão

O presente estudo ensejou uma reflexão no sentido de se entender o papel normatizador que o ensino formal tem, uma vez que, embora a intuição dos aprendizes aceite determinados usos da língua, a produção do discurso é afetada de modo a não incluir esses usos, já que a escola relega a um segundo plano determinadas características que são marcadamente da língua oral (ver, por exemplo, Bastos, 1985).

Finalmente, ressalte-se a necessidade de maior número de pesquisas que analisem o uso de estratégias discursivas em diversas línguas, em especial com falantes nativos de português em condições de aprendizado de uma língua estrangeira.

Notas:

1. "Eu estava num clube, não faz muito tempo, com minha mulher e Don Rickles estava se apresentando. Fomos vê-lo e eu estou sentado lá me divertindo às pampas e, ah, eu estava usando um tipo de jaqueta esporte tipo - não muito espalhafatosa, mas algo no gênero - algo que ele notasse. E ah, ele 'tá no meio do show e eu vejo ele me olhar e ele faz isto (gesto) e ele começa a me pegar no pé. Realmente 'tá me alugando."

2. Eu estava na casa de uma amiga minha ... uma menina e ela tem um ... tem um monte de amigos e tem uns caras que eu não conhecia. E ele vem e a gente começa a conversar e, de repente, ele me beijou. E eu fiquei: "Ai, Jesus

Cristo!" Foi muito ... teu primeiro beijo, sabe, é algo muito excitante, eu fico nervosa ... eu fiquei nervosa, e essas coisas. Mas foi o meu primeiro encontro com um cara ... uma paquera.

Bibliografia

1. BASTOS, Lúcia K.X. Coesão e coerência em narrativas escolares escritas. Campinas, UNICAMP, 1985. Dissertação de Mestrado.
2. CASTRO, Vandêrsí. Os tempos verbais da narrativa oral. Campinas, UNICAMP, 1980. Dissertação de Mestrado.
3. HATCH, Evelyn M. Psycholinguistics. Rowley, Mass., Newbury House, 1983.
4. KAUFMAN, Lionel. Tense alternation by native and non-native English speakers in narrative discourse. New York University, 1987. Tese de Doutorado.
5. LABOV, W. & WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (ed). Essays on the verbal and the visual arts. Washington, University of Washington Press, 1967. p. 12-44.
6. LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
7. SCHIFFRIN, Deborah. Tense variation in narrative. *Language*, 57 (1):1:45 - 62, 1981.
8. WOLFSON, Nessa. The conversational historical present in American English narratives. University of Pennsylvania, 1976. Tese de Doutorado.
9. _____. Speech events and natural speech: some implications for sociolinguistic methodology. *Language in Society*, 5: 189-209, 1976b.
10. _____. A feature of performed narrative: the conversational historical present. *Language in Society*, 7: 215-37, 1978.
11. _____. The conversational historical present alternation. *Language*, 55(1): 168-22, 1979.
12. _____. On tense alternation and the need for analysis of native speaker usage in second language acquisition. *Language Learning*, 32 (1): 53-68, 1982.